

Metodologia do Ensino de Geografia

Antônio Carlos Campos



**São Cristóvão/SE
2010**

Metodologia do Ensino de Geografia

Elaboração de Conteúdo
Antonio Carlos Campos

Projeto Gráfico e Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Nycolas Menezes Melo

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C198m Compos, Antonio Carlos
Metodologia do ensino de geografia / Antonio Carlos Campos
-- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD,
2010.

1. Geografia - Metodologia . 2. Didática. I. Título

CDU 910.1:37.02

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais
Giselda Barros

Diretoria Administrativa e Financeira
Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Tecnologia da Informação
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Coordenação de Cursos
Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação
Edvar Freire Caetano
Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos

Coordenadores de Curso
Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria
Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaína Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscila Viana Cardozo (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
tala Santana Souza (Geografia)
Trícia C. P. de Sant ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)
Lívia Carvalho Santos (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Arthur Pinto R. S. Almeida
Lucas Barros Oliveira

Marcio Roberto de Oliveira Mendonça
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(9) 2105 - 00 - Fa (9) 2105- 4 4

AULA 1

Dos objetivos da Geografia aos objetivos do ensino em Geografia.. 07

AULA 2

A Importância da construção do pensamento geográfico no ensino de Geografia.....15

AULA 3

Concepções pedagógicas e as principais teorias da aprendizagem..25

AULA 4

Mudança de paradigma: as contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais. 33

AULA 5

O Ensino de Geografia e as Tecnologias da Informação e da Comunicação.....41

AULA 6

A Interdisciplinaridade e a Pedagogia de Projetos no ensino de Geografia.....55

AULA 7

A construção de conceitos nas séries iniciais 67

AULA 8

A Cartografia no Ensino de Geografia 86

AULA 9

O planejamento dos temas de Geografia na Organização da Prática Pedagógica..... 102

AULA 10

A avaliação contextualizada e participativa em Geografia 131

DOS OBJETIVOS DA GEOGRAFIA AOS OBJETIVOS DO ENSINO EM GEOGRAFIA

META

Relacionar os objetivos e conteúdos da disciplina às dificuldades de abordagem no ambiente da sala de aula

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Conhecer os objetivos de estudo da Geografia e do ensino da geografia escolar;
- Compreender as implicações do objeto da ciência na prática educativa.

INTRODUÇÃO

Iniciamos uma nova fase na nossa caminhada formativa que acreditamos ser fundamental para o seu desempenho como professor, unindo os conceitos teóricos da Geografia enquanto ciência e sua aplicabilidade na educação básica. Nesta disciplina, apresentaremos um percurso que iniciará com as discussões teóricas da própria Geografia e o seu desenvolvimento didático como ferramenta essencial para a execução da prática docente.

Nesta aula, apresentaremos uma reflexão sobre a importância da prática educativa em sala de aula. A partir dos objetivos da ciência geográfica e seus desdobramentos para construir a geografia escolar dinâmica e transformadora vai exigir do professor mais do que apenas o conhecimento do conteúdo, ele precisa redimensionar seus valores para não se deixar levar por opiniões que oprimam o pensamento e o conhecimento prévio dos seus alunos. Os desafios e tendências atuais do ensino de geografia serão abordados visando uma compreensão metodológica ampla, o que torna necessário pensá-las constantemente sobre os vários elementos que podem ser utilizados para possibilitar uma aprendizagem contextualizada e significativa.

É importante que você leia os textos e realize as atividades durante a leitura, porque elas serão importantes para a compreensão das etapas seguintes.

DOS OBJETIVOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR À CIÊNCIA GEOGRÁFICA: UMA ESTRADA DE MÃO DUPLA

A Geografia, antes mesmo de se tornar um campo de pesquisa e uma entre as diversas ciências sociais, tem sua origem na educação escolar. Embora sejam bastante antigos, os estudos de caráter geográfico somente se sistematizaram em uma única disciplina, com status acadêmico e científico, após sua institucionalização na escola. A Geografia escolar passou, então, a estar associada ao desenvolvimento de noções sobre a pátria, a atender a projetos nacionalistas, a ocupar-se de criteriosa caracterização das paisagens dos países e descrição dos lugares, entre outros fatores, distinguindo-se como disciplina enciclopédica que valoriza a memorização.

A partir da metade do século XX, essa área do conhecimento avançou na discussão de seu objeto de estudo, atrelando-o a métodos de pesquisa e elaborando alguns modelos de interpretação da realidade. No entanto, tais avanços não se deram de forma linear; houve resistências e como consequência, a criação de distintas concepções de Geografia.

Paralelamente, a Geografia escolar também foi se adaptando aos diversos contextos históricos e desenvolveu-se de modo particular, incorporando algumas demandas da sociedade e do Estado e, assim, distanciando-se da Geografia realizada nas universidades.

No Brasil, observa-se, nas últimas décadas, um movimento dentro das instituições de ensino superior preocupado com a transposição didática dos conceitos e temas que consolidaram a Geografia no país. Essa renovação dos conteúdos e objetivos dos quais a Geografia escolar deveria se ocupar, porém, não é efetivada prontamente. Há uma concorrência com “outras geografias”, como aquela expressa nos livros didáticos, àquela concebida pela sociedade e, ainda, aquela praticada pelos professores que reelaboram as diretrizes acadêmicas e as transformam em outra geografia.

Entretanto, tal processo não é impedimento para as transformações pelas quais a Geografia escolar deve passar; ao contrário, favorece uma avaliação daquilo que realmente acontece com essa disciplina na escola e demonstra a importância de ter bem claras suas finalidades.

A Geografia tem muito a contribuir na formação dos alunos ao fornecer um conjunto de saberes que lhes serve de instrumental teórico de interpretação do mundo para melhor apreendê-lo e nele atuar. Por tratar do espaço geográfico presente, estudando os processos pretéritos que o construíram e possibilitando refletir sobre seu futuro, ela deve atender às diversas inquietações dos estudantes quando deparam com os mais diversos objetos e ações que se materializam no território ou nele transitam. E mais: por seu caráter interdisciplinar, por fazer uso de conhecimentos das mais diversas áreas, como economia, sociologia, agronomia etc., ela apresenta, na escola, um vasto conjunto de elementos significativos da cultura que permite aos alunos obter uma visão menos fragmentada da realidade, compreender como o espaço é produzido pela sociedade e nele atuar de modo consciente e crítico.

Essas concepções são compreendidas, quando enumeramos os objetivos da aprendizagem da Geografia na educação escolar, que segundo Sonia Castellar (2005, p. 211), são:

1. Capacitar para a aplicação dos saberes geográficos nos trabalhos relativos a outras competências e, em particular, capacitar para a utilização de mapas e métodos de trabalho de campo.
2. Aumentar o conhecimento e a compreensão dos espaços nos contextos locais, regionais, nacionais, internacionais e mundiais e, em particular:
 - conhecimento do espaço territorial;
 - compreensão dos traços característicos que dão a um lugar a sua identidade;
 - compreensão das semelhanças e diferenças entre os lugares;
 - compreensão das relações entre diferentes temas e problemas de localizações particulares;
 - compreensão dos domínios que caracterizam o meio físico e a maneira como os lugares foram sendo organizados socialmente;
 - compreensão da utilização e do mau uso dos recursos naturais.

Esses objetivos, segundo a professora Sonia Castellar estão “relacionados com um método de análise do saber geográfico e indicam novas possi-

bilidades de se alterar o currículo da geografia escolar e, conseqüentemente, a forma de se pensar o conhecimento geográfico” (2005, p. 212). Eles vão além dos conteúdos, pois incorporam objetivos procedimentais e atitudinais, contribuindo para ampliar a concepção de currículo existente nas escolas. Todas as tentativas são em direção a renovações que implicam mudanças na postura, na linguagem e nas atividades de aprendizagem necessárias para que o aluno reflita sobre a realidade, a sociedade e a dinâmica do espaço.

Com esta idéia, procuramos transformar o ensino de geografia e possibilitar o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

NO ENSINO DE GEOGRAFIA NÃO EXISTE RECEITA PRONTA

Na discussão sobre a metodologia de ensino, atualmente, assumimos novos pontos de vista em relação a nossa própria formação de professores dos anos 80 e 90, uma vez que nos aprofundamos na compreensão conteúdo - forma no cotidiano da sala de aula e no entendimento de que a instrumentalização do professor é fundamental para o desenvolvimento amplo da relação ensino-aprendizagem.

Nesse sentido é preciso advertir que as metodologias não são meras formas neutras nas quais se depositam conteúdos. Os conteúdos em suas especificidades pedem coerência nas suas formas de produção – transmissão - produção. As metodologias são evidentemente formuladas mediante concepção de homem, de mundo e de educação e, portanto, veiculam alguma base teórica.

É certo que a metodologia não deve ser vista como instrumento que leva ao conhecimento, mas como conhecimento que instrumenta o professor no seu fazer cotidiano. Neste sentido, se exige dos professores um comprometimento ético e contextualizado da organização do espaço e de seu processo de produção/ reprodução desigual.

Assim, quando nos referimos à metodologia do ensino de geografia precisamos nos posicionar de que Geografia estamos falando. Se nos referimos a uma Geografia que têm seus estatutos epistemológicos ainda fundados na concepção denominada de tradicional, que ainda é encarnada em muitos lugares, por muitos professores e presente num grande número de livros didáticos, não causa nenhum espanto se a metodologia desenvolvida por estes professores estiver calcada na pura e simples descrição dos fenômenos físicos e humanos. Neste caso, torna-se importante a compreensão epistemológica e da metodológica, onde se faz necessário refletir sobre as questões: Que Geografia está sendo ensinada? E de que forma está se dando o processo de aprendizagem?

Se nosso objetivo geral, como professores de Geografia, é auxiliar na formação do cidadão consciente e crítico, é preciso que os alunos aprendam a pensar sua participação na construção dos espaços geográficos desde cedo. Para isso é fundamental entrar em contato com as experiências sociais tecidas no seu fazer cotidiano. Tentando considerar como é que meninos e meninas vêem as coisas onde suas vidas são vividas, como se relacionam com os grupos sociais nos locais por onde circulam, quais são as representações sociais que tem desses lugares. Enfim, considerar a realidade em que estão inseridos, levando em conta as informações que já possuem e as experiências vivenciadas. Assim, levando-se em consideração as particularidades, diversidade de escalas de análise e objetivos específicos de cada professor e cada escola, é que afirmamos que não existe receita pronta, mas que a prática educativa deve ser contextualizada

Contextualizar o ensino de Geografia é perceber o mundo, considerar o saber que retrata a realidade e entender a educação como forma de intervenção no mundo, comprometida com a condição de educador e com a realidade social dos alunos.

E assim, muito mais do que respostas que não levam a lugar nenhum, é aconselhável um diálogo acerca dos conceitos. Esta, nos parece, é a melhor maneira: partir do universo conceitual das crianças, do senso comum (que é o nível de compreensão inicial das crianças) para construir, junto com elas, os conceitos científicos. O conhecimento disciplinar deve ser dinâmico para poder gerar novos conhecimentos. Para reforçar a importância da construção conceitual estabelecemos um diálogo com Callai (1999) que nos ensina que: ao construir conceitos, o aluno realmente aprende, por exemplo, a entender um mapa, a compreender o relevo, o que é região, nação, município. Ao conhecer, analisar e buscar explicações para compreender a realidade que está sendo vivenciada no seu cotidiano, ao extrapolar para outras informações e ao exercitar a crítica sobre essa realidade, ele poderá abstrair essa realidade concreta, ir teorizando sobre ela e ir construindo o seu conhecimento. Ao construir conceitos, o aluno aprende e não fica apenas na memorização.

A construção de matrizes conceituais é, assim, uma habilidade fundamental para a vida cotidiana, uma vez que possibilita às pessoas organizar a realidade, estabelecer classes de objeto, trocar experiências com o outro, construir conhecimento. Os instrumentos conceituais são importantes porque ajudam as pessoas a caracterizar o real, a classificá-lo, a fazer generalizações. “Os conceitos são importantes mediadores da relação das pessoas com a realidade; ele nos liberta da escravidão do particular” (Coll, 1997 apud Callai, 1999).

A idéia é partir do concreto, daquilo que está à mão, diante dos olhos – aquilo que pode ser sentido – para construir então abstrações que nos façam entender melhor o mundo por nós percebido na instância do concreto. Dessa forma, aprender a pensar o espaço, construir e difundir

outra representação do mundo e perceber e compreender as estratégias de organização do espaço, estabelecendo relações existentes entre os alunos, o espaço que ocupam as condições de vida, saúde, escolaridade e entendendo o homem como um ser social que constrói seus conhecimentos através de suas experiências de vida.

Na prática, seja como ciência, seja como matéria de ensino, a Geografia desenvolveu uma linguagem, um corpo conceitual que acabou por constituir-se numa linguagem geográfica. E esta linguagem está permeada por conceitos que são requisitos para a análise dos fenômenos do ponto de vista geográfico. O que coloca professores e alunos frente a várias possibilidades e desafios de exercitar a criatividade do como se fazer a geografia uma disciplina transformadora.

NOSSOS DESAFIOS...

Como superar estas dificuldades e nos concentrarmos no que realmente é essencial no processo, ou seja, a construção dos raciocínios geográficos que, tal como a Matemática, deveria permear a prática cotidiana de todos os indivíduos?

Sem dúvida, o primeiro passo nesta direção está na mudança de atitude do professor e de sua prática em sala de aula. Um professor que apresenta os conteúdos de sua disciplina com criticidade conseguirá desenvolver o senso crítico em seus alunos desde que esteja disposto também a exercer sua autocrítica, reavaliando constantemente suas práticas e estratégias.

No entanto, o que vem a ser a criticidade?

A criticidade é o elemento da prática educativa que leva a consciência crítica. Freire (1988), afirma que antes da consciência crítica o que temos é a consciência ingênua, a qual revela um simplismo na interpretação dos problemas e não se aprofunda na casualidade do próprio fato. Por outro lado, a consciência crítica há um compromisso com a análise aprofundada dos problemas.

Neste caso, o educador crítico reconhece que a realidade é mutável e não se satisfaz com as aparências, discutindo com seus educandos, os princípios autênticos de causalidade.

Obviamente esta causalidade pode requisitar a compreensão de outras áreas do conhecimento, o que implica em outro elemento de uma aprendizagem significativa: a Interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade aqui é entendida como um princípio mediador entre as diferentes disciplinas, constituindo-se como dispositivo teórico-metodológico da diversidade e da criatividade. Jamais ela pode ser um elemento de redução a um denominador comum do conhecimento, mas sim uma perspectiva de análise do saber que gere conhecimento útil e significativo.

Neste sentido, várias disciplinas (matemática, biologia, português, história etc), vários saberes populares (lendas, estórias, provérbios, etc.) ou ainda, dispositivos culturais produzidos em multimídia (programas de TV, rádio, cinema, etc.) podem ser articulados de modo a fornecer elementos que dinamizem a aprendizagem.

A elaboração de seu próprio material – o qual pode ser usado como guia ou livro-texto – deveria ser estimulada, e os professores devidamente preparados para esta tarefa. Nada mais interessante para o ensino de Geografia do que uma análise do local contextualizando-o com o global. Tratar de temas que não permeiam a realidade dos professores e alunos, leva ao distanciamento da disciplina, provocando uma abstração que a torna desinteressante e desestimulante.

O uso de materiais concretos em sala de aula muda a perspectiva de conteúdos complexos, os quais poderiam ser bem mais explorados se incorporássemos o lúdico em sua apresentação.

A redistribuição de alguns conteúdos ao longo das séries e a incorporação de temáticas locais potencializaria a disciplina como ferramenta na solução de problemas do cotidiano (orientação, erosão, economia solidária etc.). Quando falamos em temáticas locais não estamos nos referindo ao conteúdo de Geografia local (ainda apresentados com a delimitação de Estados ou Municípios), mas sim, aos grandes temas que fazem parte do cotidiano das comunidades onde a escola está inserida.

Conforme visto anteriormente, a aprendizagem só faz sentido para o aluno se ela for realmente significativa e estiver contextualizada com a realidade. Ademais, este tipo de conhecimento gerado apresenta a possibilidade de articulação com a realidade e inibe a utilização da avaliação como instrumento de medição e induz o avaliador (no caso o educador) a perspectiva de uma avaliação que subsidie sua prática pedagógica, apontando caminhos que sejam mais produtivos à prática pedagógica.

Ao perceber a Geografia como uma disciplina que trata de problemáticas cotidianas e aponta soluções, educandos e educadores passarão a compreendê-la como instrumento de conscientização para a construção da cidadania plena e do conhecimento válido, suscitando, nos mesmos, um movimento de retorno do conteúdo apresentado e permitindo inúmeras contribuições para a aprendizagem.

Compreendemos que é preciso caminhar nessa perspectiva. Porém isso só será possível com a compreensão clara de que professores somos; que professores queremos ser; e, o que esperam de nós (os alunos, a sociedade e a escola). Todos estes questionamentos são complexos e inquietantes e pretendemos com este material apontar para algumas possibilidades e caminhos possíveis de trilhar.

CONCLUSÃO

O ensino de Geografia passa por um período de questionamentos e transformações inerentes ao processo de discussão da própria Geografia como ciência. A Geografia sempre foi utilizada como um instrumento de reprodução das classes dominantes e para realizar uma prática transformadora e libertadora, é preciso conhecer e analisar as tendências do ensino de Geografia no Brasil e no mundo conhecendo as possibilidades pedagógicas para promover uma aprendizagem voltada para a cidadania e a real construção dos saberes geográficos.



RESUMO

Os objetivos do ensino de Geografia tem nos proporcionado inúmeros desafios provocados pelas mudanças no mundo globalizado e com o próprio objeto da Geografia enquanto ciência que pode ser usado como instrumento de dominação, quanto instrumental de formação de uma sociedade transformadora. Neste caso, a formação do professor torna-se fundamental para o sucesso no ensino da disciplina, sempre impulsionada por novas tendências, novas práticas e novos desafios.



ATIVIDADES

Quando perguntamos aos alunos se gostam de Geografia, podemos ouvir as seguintes respostas:

1. “Não consigo lembrar os nomes dos rios, não sei onde ficam os lugares e acho que ela não serve para nada...”
2. “O professor só fala, eu não entendo o que ele quer dizer com este negócio de primeiro mundo e terceiro mundo... Afinal, quantos mundos existem de verdade?”
3. “Qual é a capital da Namíbia?”

Quantas vezes já ouvimos estes tipos de questionamentos e a repasamos sem refletir criticamente sobre eles? Você poderia listar algum tipo de incoerência ou inadequação que você já presenciou em sala de aula e considera ultrapassado. Registre aqui e publique no Ambiente Virtual para que seus colegas compartilhem sua experiência

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Estas limitações apresentadas acima não dizem respeito apenas às escolhas de professores e alunos, mas também às concepções de ensino e de aprendizagem.

É sabido que a formação do professor é um elemento fundamental no ensino da Geografia. E, alguns temas são bastante árdios e desdobrá-los para a compreensão de jovens em níveis diferentes na capacidade de abstração, o que exige uma complexidade que não pode ser ignorada. A maioria dos livros didáticos estimula a memorização dos processos e nomenclaturas como única forma possível de aprendizagem

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula vamos conhecer as principais tendências no ensino de Geografia, suas origens nas correntes teóricas da ciência geográfica e as possibilidades de aplicação em sala de aula.



AUTOAVALIAÇÃO

Releia o texto aqui apresentado, destaque os conceitos relacionados com os objetivos e as contribuições para uma nova perspectiva do Ensino de Geografia.

Faça uma reflexão sobre que professor você quer ser frente à realidade vivenciada por você mesmo no ensino fundamental e médio.



REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no Ensino Médio. Revista Terra Livre. Nº.14. Associação dos Geógrafos Brasileiros: São Paulo, 1999.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. In: CASTELLAR, S. M. V. (Org.). Cadernos Cedes. Educação geográfica e as teorias de aprendizagens. Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-25, mai.-ago. 2005.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho & Água, 1998.